

---

## Relações raciais em *Coisa Mais Linda* e *Little Fires Everywhere*: uma análise crítica das narrativas<sup>1</sup>

Isadora Hernandez Cardoso da SILVA<sup>2</sup>  
Kelly Tatiane Martins QUIRINO<sup>3</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### Resumo

O presente artigo possui o objetivo de analisar as relações raciais, como a branquitude, na concepção de duas obras audiovisuais. Trata-se de uma análise comparativa, com perspectiva crítica no campo dos estudos da narrativa e tem como corpus a produção seriada *Coisa Mais Linda* (2019 - presente) e a minissérie *Little Fires Everywhere* (2020). A área de estudos de relações raciais é muito presente e o conceito de branquitude é objeto de estudo emergente nas pesquisas de relações sociais no Brasil (CARDOSO, 2011), país ainda marcado pelo mito da democracia racial. Em vista disso, esta investigação científica propõe, a partir da análise da narrativa de dois produtos de mídia atual, contribuir com discussões relevantes.

**Palavras-chave:** interdisciplinaridade, branquitude; estudos raciais; audiovisual; narrativas midiáticas.

### Relações raciais nas telas

A área de estudos sobre relações raciais é marcante no Brasil, país onde mais de 56% da população se assume como preta ou parda, mas é minoria nas posições de liderança no mercado de trabalho/representação política, e maioria dentre a população carcerária (AFONSO, 2019). As temáticas discutidas, neste âmbito de atuação, são profundamente influenciadas pelos movimentos sociais, como o *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam). A emergência da branquitude como temática relevante deve-se ao movimento negro mundial. Franz Fanon, psiquiatra e filósofo negro, foi precursor dos estudos de relações raciais com foco na branquitude, abrindo espaço para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7o. semestre do Curso de Comunicação Organizacional da FAC - UnB, e-mail: [isahernandez99@gmail.com](mailto:isahernandez99@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Organizacional da FAC - UnB, e-mail: [kellytatianemartins@gmail.com](mailto:kellytatianemartins@gmail.com)

---

que outros autores se aprofundassem neste campo. Fanon desenvolve suas ideias a partir da premissa de que a alteridade determina o que o indivíduo é; dessa forma, o sujeito negro é identificado a partir do mundo conceitual branco.

A identidade racial branca pode significar “ser poder” e “estar no poder” (CARDOSO, 2011) é lugar de privilégios simbólicos e materiais, espaço estrutural confortável. Muitas correntes teóricas afirmam que o indivíduo branco não considera ter identidade racial marcada, resguardando-se numa pretensa invisibilidade, que apesar disso considera-se padrão normativo e universal de humanidade. Desde a década de 90 os Estados Unidos são o principal centro produtor de pesquisas desta categoria, nação de origem da obra aqui analisada.

A branquitude, como preocupação analítica, demonstra a ideologia da superioridade, pseudojustificações, perpetuação de estereótipos e violência que acometem os grupos raciais inferiorizados como base da construção da identidade racial branca: elementos muito presentes na minissérie discutida a seguir. A Comunicação e o Estudo das Narrativas é fundamental para a pesquisa científica brasileira sobre branquitude, já que permite identificar a linguagem e símbolos que sustentam esta expressão. Além disso, são ferramentas importantes para conscientização e questionamento de privilégios raciais, o exercício autorreflexivo sobre o lugar do branco na sociedade, exercendo poder até de *agenda setting*. “Evitar a questão racial é uma maneira de evitar estes sentimentos de desconforto” (CARDOSO, 2011, p.142), e por isso, a temática da branquitude deve ganhar espaço.

### **Produções seriadas**

As ficções escritas para a TV, e hoje também *streaming*, de diferentes formatos fazem parte do gênero teledramaturgia. As séries, aqui presentes no exemplo de Coisa Mais Linda, possuem estrutura narrativa pensada para não ter episódios autônomos e sim com ganchos ao final de cada episódio. Há complexificação das tramas, mas com arcos dramáticos que muito assemelham-se ao das novelas (MUNGIOLI, 2012, p.6). Já a minissérie, aqui representada por Little Fires Everywhere, divide-se em capítulos, com a mesma característica de deixar ganchos que ao final encontram uma totalidade. “A minissérie é uma ficção televisiva que se fecha, clausurando totalmente a história.” (PALLOTTINI, 2002, p. 48).

---

**Sinopses: Coisa Mais Linda e *Little Fires Everywhere***

Coisa Mais Linda é uma série de televisão brasileira criada por Giuliano Cedroni e Heather Roth, que até o momento possui duas temporadas exibidas pelo serviço de *streaming* Netflix. Ambientada no Rio de Janeiro de 1959, a obra aborda a ascensão de diversas vanguardas em um Brasil de desenvolvimento tardio. O drama traz consigo discussões sobre feminicídio, liberdade sexual da mulher, racismo, aborto, mas principalmente a desigualdade que existe entre homens e mulheres na sociedade retratada. A história conta os desafios e conquistas de quatro amigas: Maria Luíza Carone (Malu), Adélia Araújo, Lígia Soares e Thereza Soares. Todas elas vivem dilemas que envolvem o início dos debates sobre empoderamento feminino. Malu, Lígia e Thereza, mulheres brancas e com boas condições financeiras, estão diante de questões problemáticas mais voltadas à liberdade e justiça para as mulheres, além da luta por direitos no mercado de trabalho, por exemplo. Por outro lado, Adélia, personagem negra, moradora da favela, que passa de doméstica à sócia de Malu (protagonista), defronta-se com os dilemas citados e muitos outros. Fica evidente que ela possui um leque de escolhas muito limitado, se comparado com as demais, pelo fator racial.

Dessa forma, o eixo central da série é mostrar que as conquistas das mulheres dificilmente são permanentes. A série é perspicaz em retratar como as mulheres começaram a questionar mais seu papel na sociedade na década de 60, mas não se pode dizer o mesmo do caráter interseccional que os temas apresentados possuem.

**Imagem 1** - Adélia Araújo, Malu, Thereza Soares e Lígia Soares (da esquerda para a direita)



Fonte: Entretetizei, 2021

Há barreiras à compreensão do conceito de interseccionalidade, que apresenta a estrutura que permite identificar a discriminação de gênero, raça e classe, de forma a

---

compreender como essas discriminações operam juntas (CRENSHAW, 2004). “[...] as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero.” (CRENSHAW, 2004, p.2). A personagem de Adélia e o núcleo ao seu redor, familiares e amigos que residem no morro, têm seus conflitos apresentados de forma mais rasa que os demais. Apesar de mostrar como alguns privilégios mudam o rumo das escolhas das protagonistas, o desafio de tratar das diferenças dentro das diferenças não é completamente superado.

Nas duas temporadas, as protagonistas cumprem o papel de discutir temas relevantes, porém é possível notar, por exemplo, as diferenças entre feminismo branco e feminismo negro. Enquanto todas elas buscam maior liberdade e um espaço nesse “mundo dos homens”, Adélia, sua Irmã Ivone, sua filha Conceição e outros indivíduos pretos da narrativa, quando são inseridos nesses espaços e recebem novas oportunidades, deparam-se com riscos. O racismo, a sexualização dos corpos negros, a subalternização, a forma marginalizada como sua cultura é tratada, dentre outros elementos apresentados são dilemas enfrentados pelos personagens negros e que permite notar como a branquitude atua para se manter aparte dessas questões, já que conseguem manter seus privilégios e não se considerar como parte desta estrutura.

“A visão tradicional da discriminação opera no sentido de excluir essas sobreposições” (CRENSHAW, 2004, p.4). Produções audiovisuais brasileiras, como *Coisa Mais Linda*, apresentam questões raciais, porém é difícil dizer que a intersecção de gênero, raça e classe foi alcançada. A narração do machismo sofrido pela mulher branca ainda recebe mais foco, até por consequência dos moldes de produção que ainda temos: é considerado difícil contar a vida de pessoas racializadas.

Já *Little Fires Everywhere (Pequenos Incêndios por Toda Parte)*, minissérie lançada no Brasil pela plataforma de *streaming* Prime Vídeo, é uma adaptação da obra de Celeste Ng, que tem influência em sua pessoa como filha de imigrantes de Hong Kong, em um bairro estadunidense. A série provoca revolta e cria desconforto no espectador ao abordar temas como: racismo, relações de classe, maternidade, feminismo etc. A questão racial ganha uma nova camada na adaptação para as telas, com a escolha da atriz Kerry Washington, que é negra, para o papel de Mia, uma das protagonistas. No livro, ela e Pearl, sua filha, são brancas.

A narrativa apresenta duas mães, Mia e Elena, que junto de suas famílias têm os destinos entrelaçados, quando Mia se muda para Shaker Heights, um bairro planejado e majoritariamente branco. A história explora segredos de ambas e os conflitos surgem das diferentes realidades vividas por essas duas mulheres.

Os eixos abordados na peça audiovisual dialogam diretamente com os estudos de Angela Davis, ao apresentar para o público nuances de opressão e a interseccionalidade, e, em apenas 8 episódios, consegue levar ao público reflexões que Ângela discorre em *Mulheres, Raça e Classe*. A professora, filósofa e ativista, denuncia que mesmo após o fim da escravização, não eram dadas às mulheres negras novas oportunidades mantendo-as no trabalho do campo e serviços domésticos, trabalho que Mia, protagonista negra da série, passa a desempenhar na casa de Elena, que é branca, como forma de complementar a renda de artista que possui. Chama atenção, também, Shaker Heights, bairro onde é ambientada a trama, pregar que é fundamentada nos princípios de harmonia e ordem, porém esses valores se aplicam aos moradores brancos, já que há uma linha divisória nos espaços que as duas protagonistas ocupam. Este é mais um ponto comum entre a obra de Davis e a série, que corrobora o pacto narcísico da branquitude.

**Imagem 2** - Mia Warren e Elena Richardson, personagens protagonistas



Fonte: Folha de Pernambuco, 2020

Além disso, elementos dos registros de Frantz Fanon ajudam a compreender a obra na perspectiva da discussão sobre branquitude. Se a branquitude considera o branco como padrão de humanidade, tudo relacionado ao negro é identificado negativamente, sem considerar as particularidades de cada vivência preta, e no caso da série, originando comportamentos guiados pelo que Fanon chama de *petit-nègre*. O

---

branco, que se utiliza do *petit-nègre* inferioriza, o negro e o considera incapaz de fazer boas escolhas enclausurando-o em um corpo estranho, exótico. O complexo do *white savior* (branco salvador), muito representado nas telas e criticado em *Little Fires Everywhere*, se conecta justamente com a escravidão simbólica que se expressa nos relacionamentos, apresentada por Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*.

### **A representação das relações raciais em Coisa Mais Linda**

O estudo sobre branquitude é visto como um meio para a luta antirracista, no eixo de argumentação de muitos autores da área (CARDOSO, 2011, p.85). Dessa forma, o uso de produtos de comunicação é relevante para aumentar o alcance dessa discussão e romper o pacto narcísico, tópico que será discutido adiante. Já em 1957, Guerreiro Ramos, sociólogo e político negro, propunha que se problematizasse a questão da identidade racial branca. Principalmente no Brasil, que sofreu com políticas de embranquecimento, e inclusive tem sua população branca influenciada pela hierarquia racial de outras nações,. As produções aqui analisadas, permitem o exercício autorreflexivo sobre o lugar do branco na sociedade.

A mídia tem um papel relevante na difusão das representações sociais, considerando a representação social como o posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, constituindo percepções por parte dos indivíduos (ALEXANDRE, 2001). A maneira como se comunica e o significado do que é comunicado ganha um peso ao lado do que é comunicado de fato. Dessa forma, pensar relações raciais é parte importante do estudo de uma obra e sua concepção, já que as representações refletem as relações raciais e interseccionais.

Em primeiro plano, nota-se que brancos agem para a manutenção de privilégios materiais e simbólicos em detrimento aos grupos racializados da sociedade, diariamente (SCHUCMAN, 2014). Diversas práticas são adotadas nesse sentido, na forma de “[...] fronteiras e distinções internas que hierarquizam os brancos [...]”. Tais práticas são repetidamente utilizadas, consciente ou inconscientemente, algumas delas visíveis em *Coisa Mais Linda*. Cita-se: o uso do elevador de serviço destinado aos empregados (como Adélia), situações em que se dizem que o local não é para certos grupos (em um dos episódios, um grupo de pessoas pede para que Adélia se retire da praia e, em outro, funcionários do Copacabana Palace reagem com estranheza ao verem um casal negro

---

ocupando uma das suítes), o tratamento diferencial dado à Malu e à Adélia (quando ambas eram igualmente sócias da casa noturna). Além desses exemplos, podemos citar outras formas que os sujeitos brancos da série agem para manter estes privilégios, listadas durante a análise desse produto audiovisual: ataques racistas, evitar relacionamentos interracializados, humilhações e ataques psicológicos, além da falta de representatividade nos espaços.

A figura central da série, Maria Luiza, possui muitas das características da branquitude, inicialmente descritas por Fanon e com o tempo analisadas por outros autores aqui citados. O narcisismo, a ambiguidade como meio de manter privilégios, o poder branco, a autoestima quase inabalável, a admiração que recebe na forma da superestrutura valorativa, a hiperrepresentação do branco e a consciência coletiva de que o branco controla as estruturas daquela sociedade. É possível notar tudo isso, não só em Malu, como também em sua família e amigos, mas por protagonizar a série e ter mais tempo de tela é mais fácil notar as consequências na estrutura psíquica de quem tem o poder na realidade ficcional e factual.

Além disso, fica claro, também com apoio da representação da série, que reconhecer privilégios não é o mesmo que abrir mão deles. Os primeiros contatos entre Malu e Adélia: a primeira surge como a chefe que quer ser amiga da empregada negra, no momento em que Malu passa por dificuldades. Ao longo da série essa relação se modifica, pois Adélia torna-se sócia dela, desempenhando assim o mesmo nível decisório no negócio. Porém, principalmente durante a primeira temporada, Adélia Araújo é retratada como uma coadjuvante, que dá protagonismo à Maria Luiza, figura central da obra. A independência e as conquistas das mulheres brancas são diferentes das de Adélia, pois as intersecções entre os fatores gênero, raça e classe culminam em experiências completamente diferentes. Enquanto Malu comemora por estar em uma nova fase, desenvolvendo sua carreira enquanto mãe solo, essa foi uma realidade imposta à Adélia, que jamais teve a escolha de não trabalhar e não tinha uma estrutura como a de Maria Luiza para deixar a filha sob cuidados enquanto buscava sua renda.

Assim é possível perceber que, mesmo quando os personagens da série reconhecem seus privilégios, o racismo, a forma diferencial com que o machismo se dá na vida de uma mulher preta, eles não estão dispostos a abrir mão das atitudes que os favorecem. Na sequência dos episódios, assistimos a uma fala com teor de white savior,

da chefe de Adélia, como se esta estivesse fazendo um favor enquanto explora a força de trabalho e integridade da moça. Além disso, o telespectador descobre que Adélia já teve um relacionamento com Nelson no passado, atual marido de Thereza Soares sendo sua filha o fruto dessa relação. Nelson ouve de seu irmão que ele estaria estragando sua vida se voltasse a se unir à Adélia. A temporada se encerra com o reencontro dos dois sem um desfecho, pois Nelson estava resolvido a voltar com ela, porém ao descobrir sua paternidade ele não tem coragem de assumí-la. Ao descobrir-se pai de uma criança negra, o personagem paralisa.

**Imagem 4** - Diálogo entre Adélia e Malu



Fonte: Pinterest, 2021

A cena musical é pano de fundo para discutir as questões raciais do Brasil também. O samba e a bossa nova, em ascensão, fazem parte da história, todavia em contextos bem diferentes: já que o samba é atrelado à cultura negra marginal, aos morros, quando de fato era um lugar de contestação e que influenciou a bossa, considerada um movimento de renovação do samba, com novas características para se adequar aos padrões brancos e elitistas, de civilidade, polidez. O medo branco, elemento da branquitude, aparece aqui nas formas de dominação, de exclusão socioespacial e de ameaças, por exemplo. Há o medo de que a brancura não tenha significados positivos,



---

de que o negro não olhe o branco com desejo de branqueamento e o medo de que exista uma relação de igualdade entre negros e brancos (SCHUCMAN, 2014).

### **A representação das relações raciais em *Little Fires Everywhere***

Da representação social brasileira passamos para a representação de vivências nos EUA, baseadas na experiência de integração racial à uma comunidade branca da escritora do livro que originou a série *Little Fires Everywhere*. Assim como o Brasil, os Estados Unidos são uma nação colonizada e que sofrem as dificuldades de tratar as neuroses advindas desse histórico de exploração. Angela Davis, professora e ativista estadunidense, explica muito da herança escravagista no país e sua influência nas políticas oficiais de segregação e na luta por direitos civis da população negra. A identidade, tanto dos brancos quanto dos grupos racializados, é um produto em curso da história. Dessa forma, Davis chama atenção para questões ainda muito presentes nos EUA, frutos do contexto histórico-social em que o país se desenvolveu: como a política de encarceramento e violência sexual.

A partir dessa contextualização, pode-se pensar a sustentação do sistema racista, via a tese de doutorado de Maria Aparecida da Silva Bento, que destaca a branquitude e apresenta o pacto narcísico. Os brancos unem-se para defender os privilégios raciais que possuem. As vantagens se acumulam e os indivíduos reproduzem as desigualdades raciais, preconceitos e práticas que perduram interesse comum (BENTO, 2002). O racismo é oriundo de um sistema de opressão, bem como da vontade de manutenção do sistema de relações desiguais. O pacto se manifesta quando este grupo se sente discriminado por políticas públicas afirmativas, quando não assume formas de apropriação cultural, silenciam a persistência do racismo. Nota-se, em *Little Fires Everywhere*, segunda obra aqui investigada, o pacto narcísico: toda a comunidade branca do bairro se volta contra uma personagem de ascendência asiática, amiga de Mia, que entra com um processo judicial para recuperar a guarda de sua filha, adotada por um casal branco.

O silêncio diante da desigualdade, fruto desse pacto, é compreensível devido à herança escravista dos países da América, no entanto, o silêncio e a omissão de grande parcela da população branca não podem apagar o passado (BENTO, 2002, p.25). Tal acordo tácito não permite que a branquitude perceba que o combate às desigualdades

raciais não é um problema do negro, e sim de toda a sociedade. Uma das cenas de diálogo da minissérie traz esta discussão à tona: os privilégios com que as pessoas dificilmente querem se defrontar são envolvidos por um discurso sobre mérito e competência. Mia confronta Elena, que teve apoio de uma família branca, rica e com títulos durante toda sua vida, afirmando que ela não fez más escolhas, mas teve boas opções devido a essa estrutura, de uma posição alcançada às custas da exploração de séculos.

**Imagem 5** - Mia e sua filha Pearl, Elena e a filha Izzy



Fonte: Pinterest, 2020

Outro aspecto representado com maestria pela série, é o mito do branco salvador, que exalta a generosidade do branco e a miserabilidade do negro. À primeira vista, Elena Richardson parece ser uma ótima pessoa, que ajuda Mia e sua filha Pearl a se instalarem no bairro, mas um olhar mais atento de Mia e o espectador identifica que tais atitudes provêm de um sentimento de caridade, como se estivesse a prestar um favor ao se relacionar com as novas moradoras do bairro. Agindo assim, a jornalista projeta nas duas o imaginário do que ela considera ser o negro, indistinção que também ocorre no seu tratamento com o namorado de sua filha, que é negro. Elena é um forte exemplo de como as neuroses do branco se manifestam em comportamentos. A branquitude não lida com indivíduos, sua individualidade, para estabelecer relações horizontais, ela exerce apenas a função de salvadora, como quem detém os meios para saber o que é melhor para a vida de uma outra família que ela não conhece.

---

O racismo de Elena não se manifesta por uma intencionalidade consciente, como muitos brancos, e sim da construção social, de alguém incapaz de perceber a discriminação que pratica e os privilégios de que usufrui, mesmo que não abra mão dos mesmos. Isso, entretanto, não exime alguém de comportamentos racistas. A tensão racial e social vai escalando com o avanço dos episódios, e o preconceito escancarado enfim toma forma: numa tentativa de punir Mia por um ato que não aprova, Elena age a fim de “colocá-la em seu lugar”. Mia é uma mulher com consciência de negritude e não aceita o preconceito da outra mulher, chegando a afastar a filha Pearl dos filhos de Elena, que se tornam amigos, tentando ainda alertar a filha de que determinadas condutas são inaceitáveis e de que elas não precisam das “migalhas” que o tratamento daquela família representa.

Faz-se inevitável tratar de intersecção de raça, classe e gênero ao analisar *Little Fires Everywhere*. As nuances de opressão que uma mulher negra e pobre sofre, são muito diferentes daquelas sofridas por uma mulher branca e abastada. A mulher negra foi desumanizada e não há como pensar um projeto de nação que desconsidere questões raciais, a manifestação da branquitude, por exemplo, já que essas nações surgiram de um contexto de exploração e escravidão: casos como Brasil e Estados Unidos. Sendo assim, é importante estar atento à hierarquia de opressão e privilégios, que impactam diariamente a vida de pessoas pretas. O imaginário branco é o de que a mulher preta é selvagem, serviçal e prostituta, e isto deve e precisa ser combatido. Algumas cenas expõem as diversas camadas das relações que são construídas entre as duas famílias. Em uma delas, Mia, que começa a trabalhar para Elena, é vista como uma servente. A relação não se dá de mulher para mulher, como se pode esperar. Noutra, Pearl tem problemas na escola para conseguir a vaga em uma classe avançada, pois o conhecimento é reservado ao branco e elitizado, na visão da branquitude. O corpo de Pearl não pertence àquele espaço intelectual e acadêmico. Em ambas situações a camada racial é determinante.

Por fim, outro fator a ser observado na obra televisiva é a questão entre eu e outro, tão descrita por Frantz Fanon. O estudioso defende que o racismo é construído na racionalidade, não é só estrutural, mas estruturante (FANON, 2008), dessa forma, já que a alteridade determina o que somos, o outro define o eu, se branco ou negro, e a partir disso, é constituído também o tratamento e as oportunidades dadas a cada um. O branco,

---

em seu lugar de universalidade, assume uma postura defensiva pois a identificação racial e étnica, como recebe o negro não é bem vista, enquanto que o negro é sempre colocado em caixas de identificação. O sujeito negro é identificado pelo mundo conceitual branco e essa concepção partilha a ideia de que é normal o ciclo social ser formado apenas de pessoas brancas, por exemplo, escasso de alteridade. A falta de identificação do eu no outro prejudica a construção de uma sociedade melhor, com políticas mais justas e espaços mais diversos. Em Shaker Heights, bairro onde se desenvolve a trama, é notável a escassez de pessoas racializadas nos espaços, e quando são representadas estão em espaços subalternos, na maioria das vezes.

### **O poder da narrativa**

Face ao contexto apresentado, torna-se central a discussão sobre a branquitude e a representação que essa ganha em ambas produções. Para isso, pode-se partir da análise crítica da narrativa, já que a narrativa é um modo de expressão universal, que atravessa diversas mídias. Os processos de comunicação narrativa servem para constituição da realidade, nos casos aqui analisados, realidades fictícias. Usa-se a técnica interpretativa para analisar como o ser humano articula sentido através desse dispositivo (MOTTA, 2019). A análise parte do seguinte conceito de crítica da narrativa:

“Diferentemente de muitos autores, adoto aqui uma perspectiva que privilegia a narração ou a enunciação narrativa, mais que a narrativa em si mesma. Isto é, a ênfase da análise aqui proposta recai sobre o processo de comunicação narrativa, mais que sobre a narrativa como obra fechada. Não dispense o estudo do enunciado como objeto de observação. Mas o enunciado é compreendido como um elo entre dois interlocutores que se envolvem em uma coconstrução narrativa do mundo. Interessa desvendar essa relação de coconstrução de sentido, mais que a composição da obra em si”. (MOTTA, 2019, p.11).

Tendo em foco o processo, a atitude e a posição do narrador, em intenções e estratégias narrativas, é possível notar que a representação do branco como padrão universal de humanidade está no centro das duas obras aqui analisadas. Ao lidar com a elaboração da diferença que os privilégios fazem nas escolhas de vida de mulheres, *Little Fires Everywhere* se destaca em relação à *Coisa Mais Linda*, pois consegue aproximar mais os coautores (telespectadores, críticos, etc) da narrativa os elementos interseccionais que produzem a singularidade da vivência de cada mulher.

---

Talvez por ser uma minissérie, com início, meio e fim previstos, a série estadunidense se destaca quanto às intencionalidades empregadas. A origem em um livro, a linguagem e divisão dos episódios foi escolhida para escancarar a diferença entre as duas protagonistas, devido aos fatores: gênero, raça e classe. A recepção é de um produto finalizado, em que se pode identificar muitos elementos reais daquela ficção. Já na produção brasileira, uma série com temporadas ainda em curso, permite em maior proporção a co-criação, pois a obra gera significados, mas pode também sofrer alterações de acordo com a relação que é criada com os destinatários, processo facilitado hoje pelas redes sociais, que também realizam o papel de agendamento.

É preciso pensar nas etapas de produção, para além da obra acabada, e problematizar a concepção destes produtos audiovisuais e mercadológicos. Refletir a cadeia produtiva do audiovisual, pois ela reflete a branquitude. Atitudes e comportamentos sociais desenvolvidos, cuja interiorização deixa marcas invisíveis no imaginário e nas representações coletivas, interferem nos processos de identificação individual e de construção da identidade coletiva (BENTO, 2002), de forma que as representações sociais elaboradas por profissionais do audiovisual refletem sua vivência. Se as vivências são hegemônicas e permeadas pela branquitude, também as representações sociais criadas por esses indivíduos assim serão, possibilitando co-criação limitada das narrativas.

### **Considerações finais**

O presente artigo teve como objetivo analisar duas obras audiovisuais na perspectiva dos estudos de relações raciais, com foco na branquitude, *Coisa Mais Linda* e *Little Fires Everywhere*.

A análise foi ancorada a partir dos estudos de representações sociais, análise da narrativa e uma revisão bibliográfica de autores que estudam relações raciais nos Estados Unidos, França e Brasil. A presente análise também teve como objetivo promover o exercício autorreflexivo sobre o lugar e papel racial do branco na construção de uma sociedade antirracista.

As séries alertam para o fato de que a branquitude não manifesta explicitamente o desejo de retorno da escravidão e, até apoia a diversidade e inclusão em certo nível, mas ao mesmo tempo não faz autocrítica, esbarra na reflexão sobre seus privilégios, a

---

ideologia da superioridade, o pacto narcísico e a desconstrução do racismo estrutural. Ainda que inconscientemente essas estruturas impedem o fim do racismo, pois diretores, produtores, roteiristas e demais profissionais do audiovisual e da comunicação, ainda são em maioria brancos e reproduzem a estrutura em que estão inseridos, que invariavelmente, mantém os privilégios para este grupo. As narrativas brasileiras têm o poder de colocar esses temas nas telas, ainda que necessitem aprimorar a representação social, a discussão da intersecção de gênero, raça e classe e a criação de narrativas antirracistas.

Além disso, pode-se considerar que a narrativa ficcional aproxima e agrega indivíduos por meio da narrativa. Trazer para a cena elementos da realidade pode tornar os assuntos mais palatáveis e até aumentar o interesse de determinados públicos para questões tão importantes e delicadas, como as aqui analisadas. As séries podem não servir para ensinar ninguém, mas cumprem o papel de abrir os debates, de serem mais didáticas na discussão. Não pode-se porém descolar tais produções de seus processos de confecção: apesar de trazerem reflexões sociais, tratam-se de produtos comerciais. As motivações e decisões, que com certeza impactam em elementos da narrativa, ainda são definidos por propósitos comerciais e equipes pouco heterogêneas.

O presente artigo também concluiu que a extinção da patologia social do branco se dá por meio da reeducação e articulação para equiparar privilégios. A discussão aqui levantada só é possibilitada pelos movimentos negros e o estudo de epistemes negras. Assim, como o desfecho da minissérie *Little Fires Everywhere*, que mostra Elena assumindo a consequência de seus atos e possibilita à Mia protagonizar sua história, nosso movimento deve ser o de escutar cada vez mais: ouvir o que pretos e pretas têm a dizer.

### Referências bibliográficas

AFONSO, Nathália. **Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil**. Agência Lupa, Rio de Janeiro, 20/11/2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/>>. Acesso em: 15/12/2020.

ALEXANDRE, Marcos. **O papel da mídia na difusão das representações sociais**. *Comum*, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001. Disponível em: <<https://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opa.pdf>>. Acesso em: 06/08/2021.

---

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 5-58, 2002. Disponível em: <<https://www.nupad.medicina.ufmg.br/arquivos/acervo-cehmob/foruns/racismo-institucional/Caderno-Racismo.pdf#page=5>>. Acesso em: 14/12/2020.

CARDOSO, Lourenço. **O branco-objeto: O movimento negro situando a branquitude**. Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, v. 13, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18706/9824>>. Acesso em: 08/12/2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4587063/mod\\_resource/content/1/Kimberle-Crenshaw.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4587063/mod_resource/content/1/Kimberle-Crenshaw.pdf)>. Acesso em: 08/04/2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. SciELO-EDUFBA, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Editora UnB, 2013.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. **Narrativas Complexas na Ficção Televisiva Brasileira**. Artigo apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza/CE de 03 a 07 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0503-1.pdf>>. Acesso em: 07/08/2021.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de televisão**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 6, n. 13, p. 134-147, 2014. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5647126/mod\\_resource/content/1/Artigo\\_%20Branquitude%20e%20poder.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5647126/mod_resource/content/1/Artigo_%20Branquitude%20e%20poder.pdf)>. Acesso em: 18/02/2021.